



O CONTROLE DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE *NÓS* E *A GENTE* EM ESTUDOS VARIACIONISTAS¹

CONTROL OF THE SEMANTIC FEATURES OF *NÓS* AND *A GENTE* IN VARIATIONIST STUDIES

Josilene de Jesus Mendonça²

Resumo: A primeira pessoa do plural apresenta diferentes possibilidades de interpretação semântica, codificando referentes mais ou menos abrangentes. Os estudos sociolinguísticos evidenciam que o valor semântico atrelado aos contextos referenciais expressos pela primeira pessoa do plural é significativo para a variação entre as formas *nós* e *a gente*. A fim de apresentar generalizações a respeito do uso de *a gente* em função dos traços semânticos do referente, apresentamos um estudo de meta-análise de dezessete pesquisas variacionistas que analisaram a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural. Inicialmente, realizamos teste de qui-quadrado para cada estudo de forma independente. De modo geral, os resultados da análise univariada mostram que há associação entre a escolha da variante (*nós* ou *a gente*) e o traço semântico do referente. Em seguida, com o objetivo de apresentar uma generalização a respeito das chances de uso de *a gente* com valor semântico específico/determinado, realizamos análise de regressão logística generalizada para cada estudo. Os resultados dão indícios de que os contextos referenciais específicos/determinados apresentam tendência a serem codificados por *a gente*, o que indica a perda da distinção semântica específico/genérico entre as variantes *nós* e *a gente*.

Palavras-chave: 1ª pessoa do plural; traços semânticos; meta-análise.

Abstract: The first person plural has different possible semantic interpretations expressing broader and narrower referents. Sociolinguistic research indicates that the semantic value assigned to the referential contexts expressed by the first person plural is significant for the variation of the Brazilian Portuguese forms *nós* and *a gente*. In order to present generalizations about the use of *a gente* according to the semantic features of the referent, we performed a meta-analysis of seventeen variationist studies which analyzed the semantic interpretation of these forms of the first person plural. A chi-squared test was conducted for each study independently. Overall, the results of the univariate analysis revealed an association between the choice of variant (*nós* or *a gente*) and the semantic features of the referent. Next, in order to be able to generate some generalizations about the probability of *a gente* being used with a specific semantic feature, a generalized logistic regression was performed for each study. The results indicate that specific/determine referential contexts were more likely to be expressed by *a gente*, which indicates a loss of specific/generic semantic distinction between the variants *nós* and *a gente*.

Keywords: 1st person plural; semantic features; meta-analysis.

1. INTRODUÇÃO

A primeira pessoa do plural apresenta diferentes possibilidades de interpretação, codificando referentes mais ou menos abrangentes. Os estudos sociolinguísticos a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil. mendoncajosilene@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8291-6386>

respeito da variação entre as formas *nós* e *a gente* evidenciam que o valor semântico atrelado aos contextos referenciais expressos pela primeira pessoa do plural é significativo para o fenômeno variável. A fim de apresentar generalizações a respeito do uso de *a gente* em função dos traços semânticos do referente, sistematizamos os resultados de dezessete estudos variacionistas. Inicialmente, fizemos um levantamento da denominação dada aos traços semânticos, bem como dos níveis referenciais considerados nos estudos, conforme descrito no quadro 1.

Quadro 1: Abordagens metodológicas dos traços semânticos de *nós* e *a gente*

Estudo	Variável	Fatores
Lopes (1993)	Grau de amplitude do “eu”	eu + você eu + vocês eu + ele eu + eles eu + todos
Borges (2004)	Referência semântica	específica ao próprio falante (eu) específica inclusiva (eu + pessoa) específica inclusiva (eu + pessoa + não-pessoa) específica exclusiva (eu + não-pessoa) genérica (eu + todo/qualquer indivíduo) ambígua ou duvidosa
Silva (2004)	Multiplicidade referencial	eu eu + tu eu + tu + ele(s) eu + ele eu + eles genérico ambíguo
Mendonça (2012)	Tipo de referência	eu eu + você eu + você + ele eu + ele genérica ele(a)
Santos (2014)	Multirreferencialidade	eu + você eu + vocês eu + ele eu + eles eu + todos eles
Lopes (2003)	Tipologia semântica	específico genérico impessoal
Foeger (2014)	Referencialidade	específica e definida genérica e definida genérica e indefinida
Lucchesi (2009)	Nível de referencialidade	grupo específico indeterminação circunscrita indeterminação universal o próprio falante
	Nível de referencialidade	grupo específico

Nascimento (2013)		indeterminação universal o próprio falante
Seara (2000)	Traço semântico	[+ específico] [- específico]
Silva (2010)	Eu-ampliado	exclusivo genérico
Omena (2003)	Traço de indeterminação	determinado indeterminado
Lopes (2004)	Traço do referente	determinado indeterminado
Tamanine (2010) Franceschini (2011) Souza (2020)	Determinação do referente	determinado indeterminado
Viegas; Mendes (2018)	Significado	determinado indeterminado

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos fatores considerados na análise dos traços semânticos das formas pronominais, expostos no quadro 1, podemos organizar os estudos consultados em três grupos de abordagens metodológicas: i) abrangência do referente, baseada na noção de “eu-ampliado” de Benveniste (2005[1966]); ii) gradação referencial com três níveis de referencialidade e iii) oposição binária de traços semânticos.

Os resultados do primeiro grupo, composto pelos estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014), serão apresentados e discutidos na seção 2 deste artigo. As pesquisas de Lopes (2003), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) fazem parte do segundo grupo de estudos e serão discutidos na seção 3. Por fim, os estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), Silva (2010), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020), que consideram os traços semânticos de *nós* e *a gente* a partir de uma oposição binária, serão apresentados na seção 4.

Apresentamos neste artigo um estudo de meta-análise³ de dezessete pesquisas variacionistas que analisaram a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural. O procedimento de meta-análise consiste na aplicação de técnicas estatísticas para explicar a variância dos resultados de estudos com diferentes conjuntos de dados (FREITAG, s. d.)⁴.

Para observar a significância estatística do traço semântico do referente nos estudos consultados, realizamos testes de qui-quadrado cujos resultados são apresentados nas seções 2, 3 e 4. Esse teste estatístico compara a distribuição das variantes na amostra com a distribuição em que a hipótese nula (H_0) seja verdadeira. A H_0 prevê que não há associação entre os traços semânticos (variável independente) e a distribuição das formas *nós* e *a gente* (variável dependente), com uma distribuição equilibrada das variantes. Para rejeitarmos a hipótese nula, confirmando que a distribuição observada é estatisticamente significativa, utilizamos como critério de significância o valor de p de 0.05, valor comumente adotado nas ciências sociais.

Por objetivarmos, neste artigo, a sistematização e generalização de resultados a respeito da interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural,

³ A meta-análise desenvolvida neste estudo foi realizada com base no tutorial *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?*, de Raquel Freitag, disponível em <https://rkofreitag.github.io/meta.html>.

⁴ Para conhecer mais a respeito da aplicação dos procedimentos de meta-análise em revisões sistemáticas de estudos variacionistas, consultar o trabalho de Araújo e Freitag (2021).

consideramos que uma análise univariada seja mais adequada, pois os estudos consultados não controlam o mesmo conjunto de variáveis independentes. Por isso, ao invés de comparar os estudos a partir dos pesos relativos (PR), optamos por utilizar os resultados do teste de qui-quadrado como critério de comparação. Isso porque o PR é calculado a partir de análises multivariadas, em que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007).

A partir de análises univariadas com testes de associação entre a seleção das variantes *nós* e *a gente* e o traço semântico do referente de primeira pessoa do plural, como também a partir de análises de regressão logística generalizada, objetivamos tornar os resultados dos estudos apresentados no quadro 1 comparáveis e generalizáveis.

2. NOÇÃO SEMÂNTICA DE “EU-AMPLIADO” E GRADAÇÃO DE ABRANGÊNCIA REFERENCIAL

Os estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014) analisam a interpretação referencial de *nós* e *a gente* a partir da noção de “eu-ampliado”. Essa perspectiva de análise é pautada na noção de que “eu” exerce papel central na referencialidade das formas de primeira pessoa do plural, isto é, o referente de *nós* ou *a gente* é “eu” mais “não-eu”. A natureza do “não-eu” é o que define a abrangência do referente expresso pela primeira pessoa do plural, com gradação do mais determinado (*eu + tu/você*) ao mais indeterminado (*eu + todos*).

Na tabela 1, apresentamos os resultados dos estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004), Mendonça (2012) e Santos (2014) em função da abrangência referencial. A partir dos valores consolidados em cada estudo, realizamos uma análise univariada da distribuição das variantes *nós* e *a gente* em função dos contextos referenciais. Os resultados do teste de associação mostram que o tipo de valor referencial codificado pela primeira pessoa do plural é significativo para a escolha da forma variante, isto é, a distribuição de *nós* e *a gente* entre os níveis de abrangência referencial não é aleatória.

Tabela 1: Interpretação referencial de *a gente* a partir da noção de "eu-ampliado"

Estudo	Fatores	A/T	%	Qui-quadrado
Lopes (1993)	eu + você	7/32	22	$X^2(4, N = 930) = 85.63,$ $p < 0.0001$
	eu + vocês	1/12	8	
	eu + ele	2/12	17	
	eu + eles	144/452	32	
	eu + todos	252/422	60	
Borges (2004)	eu / eu + pessoa	22/28	79	$X^2(2, N = 2823) = 30.92,$ $p < 0.0001$
	eu + não-pessoa	1390/1959	71	
	eu + todo/qualquer indivíduo	677/836	81	
Silva (2004)	eu	24/33	73	$X^2(4, N = 864) = 15.19,$ $p < 0.01$
	eu + tu / eu + tu + ele(s)	2/4	50	
	eu + ele / eu + eles	236/508	46	
	genérico	168/299	56	
Mendonça (2012)	ambíguo	13/20	65	$X^2(5, N = 1745) = 20.42,$ $p < 0.01$
	eu	239/295	81	
	eu + você	8/11	72	
	eu + você + ele	6/7	85	
	eu + ele	726/1068	68	

	genérica	253/357	71	
	ele(a)	4/7	57	
	eu + você	19/53	36	
	eu + vocês	172/211	81	
Santos	eu + ele	140/193	72	$\chi^2(5, N = 1915) = 175.96,$ $p < 0.0001$
(2014)	eu + eles	608/685	88	
	eu + todos	639/742	86	
	eles	10/31	32	

Fonte: elaborada pela autora.

Lopes (1993) analisa o uso das formas de primeira pessoa do plural a partir de cinco níveis de abrangência referencial, marcados por uma gradação de determinação/indeterminação, em que os extremos são representados pelo grau de inclusão do “eu”. O nível *eu + você* representa o grau máximo de inclusão do falante, sendo também o grau máximo de determinação do referente. No outro extremo, o nível *eu + todos* representa o grau máximo de indeterminação, com grau mínimo de inclusão do falante na referência expressa pelo pronome de primeira pessoa do plural.

Os resultados de Lopes (1993), estudo pioneiro a respeito da variação na primeira pessoa do plural no PB, sugerem que há uma diferenciação no uso das formas variantes, com contextos referenciais mais genéricos, isto é, com grau máximo de indeterminação, favorecendo o uso de *a gente* (252/422, 60%). Na amostra analisada por Lopes (1993), o uso de *a gente* aumenta à medida que a abrangência referencial é maior. Por outro lado, o uso de *nós* é mais frequente em contextos referenciais mais restritos. E essa distribuição é estatisticamente significativa, com p valor menor que 0,0001.

Borges (2004) apresenta os resultados em função de três níveis referenciais. O primeiro nível é a amalgamação entre a referência ao próprio falante e a referência inclusiva (*eu + pessoa*), com percentual de 79% (22/28) de uso de *a gente*. Importante ressaltar que das vinte e oito ocorrências de primeira pessoa do plural no contexto referencial amalgamado *eu/eu + pessoa*, apenas cinco equivalem ao nível mais determinado *eu + pessoa*, as outras vinte e três ocorrências são de referência ao próprio falante. Os níveis *eu + não-pessoa* e *eu + todo/qualquer indivíduo* apresentam 71% (1390/1959) e 81% (677/836) de uso de *a gente*, respectivamente. O teste de associação mostra que há diferenças estatisticamente significativas entre as proporções de uso de *a gente* nos diferentes graus de amplitude do eu, com valor de p menor que 0,0001.

Os resultados de Silva (2004) são apresentados em função de cinco níveis de interpretação referencial das formas *nós* e *a gente*. A autora utiliza a inclusão/exclusão do interlocutor como critério de amalgamação entre os níveis, criando os fatores amalgamados *eu + tu / eu + tu + ele(s)* e *eu + ele / eu + eles*. Na amostra analisada por Silva (2004), o pronome *a gente* apresenta maior frequência de uso, com percentual de 73% (24/33) no contexto de referência ao próprio falante. Nos níveis referenciais *eu + tu / eu + tu + ele(s)*, *eu + ele / eu + eles* e genérico a distribuição entre as variantes *nós* e *a gente* é equilibrada, com percentuais em torno de 50%. A autora apresenta ainda os resultados em função da interpretação ambígua, em que há uma opacidade referencial, não sendo possível a identificação exata do referente, com percentual de 65% (13/20) de uso de *a gente*. O teste de qui-quadrado mostra que há associação estatisticamente significativa entre os níveis referenciais e a distribuição das variantes *nós* e *a gente* no estudo de Silva (2004), com valor de p menor que 0,01.

Na análise da interpretação referencial das formas *nós* e *a gente*, Mendonça (2012) apresentou os resultados em função de seis níveis de amplitude do “eu”. Os maiores percentuais de uso de *a gente* ocorreram nos níveis *eu + você + ele*, com 85% (6/7), e no nível de referência ao próprio falante, com 81% (239/295). Os fatores *eu + você*, *eu + ele*

e genérico apresentaram percentual de uso de *a gente* de 72% (8/11), 68% (726/1068) e 71% (253/357), respectivamente. Mendonça (2012) também encontrou na amostra analisada sete ocorrências de primeira pessoa do plural codificando um referente de terceira pessoa, com percentual de uso de *a gente* de 57%. O teste de associação nos possibilita refutar a H_0 , pois o valor de p é menor que 0,01, confirmando que a distribuição das variantes de primeira pessoa do plural pelos seis níveis de interpretação não é aleatória, isto é, a associação entre a variável dependente e a variável independente é estatisticamente significativa.

No estudo de Santos (2014), o uso de *a gente* é mais frequente nos níveis referenciais eu + vocês, eu + eles e eu + todos, com percentuais acima de 80%. A frequência de uso de *a gente* com interpretação referencial de eu + ele também é alta, com 72% (140/193). No nível referencial eu + você, nível mais determinado na gradação considerada por Santos (2014), o uso de *a gente* ocorre com percentual de apenas 36% (19/53). A possibilidade de referência à terceira pessoa, com exclusão do falante, considerada no estudo de Mendonça (2012) como um nível de amplitude do referente de primeira pessoa do plural, também foi analisada por Santos (2014).

Santos (2014) considera que a referência a *eles* representa o maior grau de indeterminação, pois exclui totalmente o falante. Em (1), trecho apresentado pela autora para exemplificar essa possibilidade de interpretação da primeira pessoa do plural, as pistas linguísticas possibilitam a identificação do referente da forma *a gente* como sendo dois deputados. Trata-se, neste contexto, de um discurso reportado, em que o falante *F2* narra uma conversa hipotética entre os referidos deputados. Portanto, o falante *F2* não está incluído na referência da forma pronominal.

- (1) *F2*: ninguém sa- sabia onde tava essa empresa de locação só sabia dizer que não era ali... e quando ligava... pra o número que se tinha o rapaz... negava... da informação do endereço... da empresa ou seja era empresas fajutas... que o... arruma uma pessoa laranja... pra me fornecer isso... pago mas só que nesse pagar você tem a sua parte que não é... apenas... por você fornecer o transporte... mais uma parte por você criar essa empresa fajuta... e *a gente* divide aquilo que o governo paga pela locação desse tran- desse transporte... dois deputados eu não me recordo o nome dos dois deputados... mas dois deputados foram investigados e foi descoberto isso (Exemplo (23) de Santos, 2014, p. 54)

O teste de qui-quadrado realizado com os dados de Santos (2014), assim como os testes realizados com os demais estudos apresentados na tabela 1, evidencia que a distribuição das variantes *nós* e *a gente* pelos níveis de amplitude do “eu” não é aleatória, isto é, há associação estatisticamente significativa entre as variáveis, com valor de p menor que 0,0001.

A análise de associação entre a seleção da variante e o nível de abrangência referencial, realizada por meio do teste estatístico de qui-quadrado, mostra que a distribuição interna da variável é significativa em cada estudo independentemente, conforme resultados expostos na tabela 1. Porém, há diferenças nos níveis controlados em cada pesquisa. A interpretação ambígua da referência de primeira pessoa do plural foi considerada apenas no estudo de Silva (2004). O uso das formas *nós* e *a gente* para codificar referentes de terceira pessoa, com exclusão do falante, foi apresentado somente nos estudos de Mendonça (2012) e Santos (2014). A referência ao próprio falante por meio de pronomes de primeira pessoa do plural foi apresentada nos resultados de Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012).

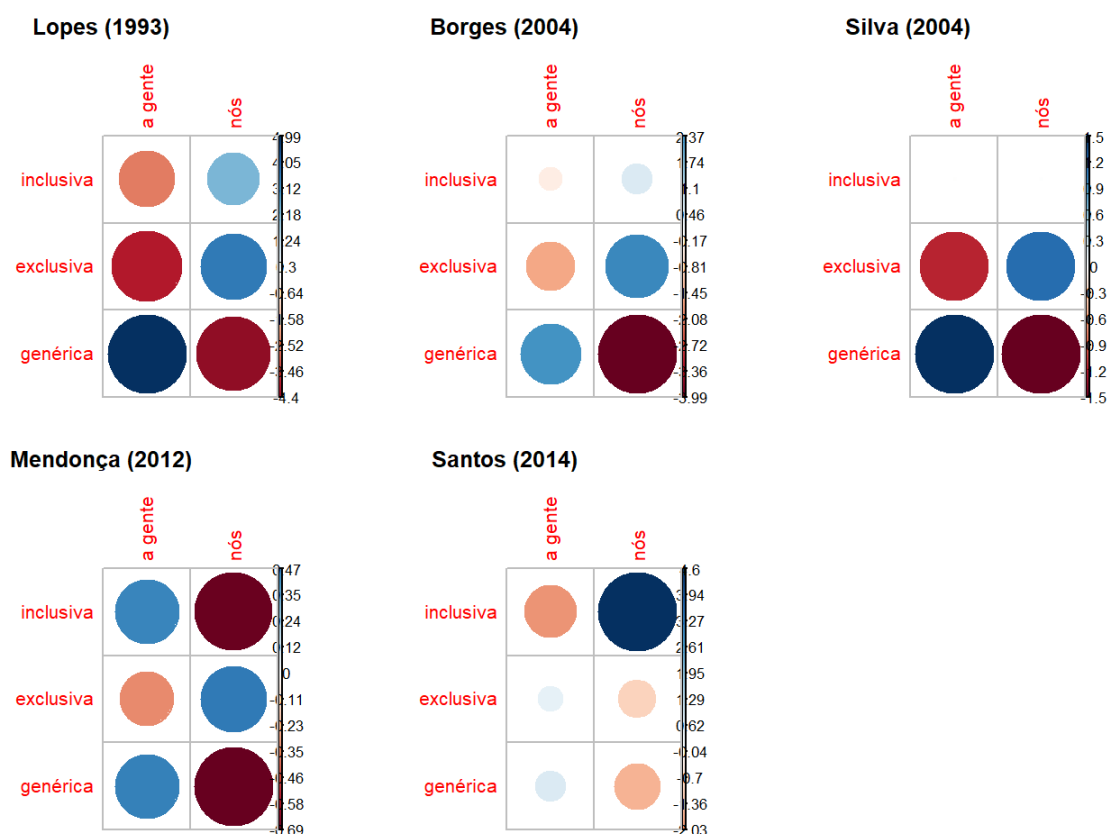
A fim de tornar os resultados dos estudos apresentados na tabela 1 comparáveis, retiramos da meta-análise os níveis referenciais que não foram controlados nos cinco estudos considerados. Além de retirarmos as ocorrências de referência ao próprio falante,

os dados de interpretação referencial ambígua e os referentes de terceira pessoa, também realizamos amálgamas entre níveis de abrangência referencial, considerando o critério de inclusão/exclusão do interlocutor, adotado por Silva (2004). Após os procedimentos de exclusão de ocorrências não comparáveis e de amálgama entre níveis de amplitude referencial, os estudos apresentados na tabela 1 ficaram com três níveis de abrangência do referente: *inclusivo*, *exclusivo* e *genérico*.

Para observar o efeito de dependência entre esses níveis referenciais e a escolha da forma de primeira pessoa do plural, realizamos novamente testes de qui-quadrado para cada estudo. A associação entre o uso de *nós* e *a gente* e o tipo de referente semântico da primeira pessoa do plural é estatisticamente significativa, com exceção do estudo de Mendonça (2012), em que o p-valor não é significativo ($X^2(2, N = 1443) = 1.72$, p-valor = 0.4223).

A análise dos resíduos, apresentada sob a forma de matriz de correlação na figura 1, mostra a contribuição de cada nível referencial para o uso das variantes da variável dependente. O tamanho e a cor dos círculos indicam a contribuição de cada célula para o efeito de dependência entre as variáveis dependente e independente. Associações positivas entre linha e coluna são apresentadas por círculos em azul, e associações negativas por círculos em vermelho. Os resultados dos estudos de Lopes (1993), Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012) mostram uma oposição entre os níveis *exclusivo* e *genérico*, com o valor semântico *exclusivo* contribuindo para o uso de *nós* e o valor semântico genérico contribuindo para o uso de *a gente*.

Figura 1: Matriz de correlação entre as formas pronominais e o traço semântico



Fonte: elaborada pela autora.

A análise dos resíduos do teste de qui-quadrado nos estudos de Lopes (1993) e Santos (2014) mostra uma associação negativa entre o uso de *a gente* e o valor referencial inclusivo. Por outro lado, nos estudos de Borges (2004) e Silva (2004) esse nível de interpretação semântica não contribui para a seleção das variantes *nós* ou *a gente*. Os resultados de Mendonça (2012) indicam correlação positiva entre o nível referencial inclusivo e o uso de *a gente*, porém essa associação não é estatisticamente significativa, com p valor igual a 0,42.

A não contribuição do nível inclusivo para a seleção das variantes *nós* ou *a gente* nos estudos de Borges (2004) e Silva (2004) pode estar relacionada à baixa frequência da primeira pessoa do plural nesse contexto semântico. O uso da primeira pessoa do plural com valor semântico inclusivo teve apenas cinco ocorrências em Borges (2004) e quatro em Silva (2004)⁵.

A forma como amalgamamos os níveis referenciais para tornar os estudos apresentados na tabela 1 comparáveis opõe o traço semântico de inclusão/exclusão do interlocutor aos referentes genéricos. Porém nos usos genéricos da primeira pessoa do plural também há a distinção de inclusão/exclusão (MENDONÇA, 2018). Em (2), o referente genérico *cidadãos brasileiros*, codificado pelo pronome *a gente* e pelo possessivo *nossos*, apresenta traço semântico inclusivo. Por outro lado, as ocorrências de primeira pessoa do plural em (3) codificam um referente genérico com a exclusão do interlocutor, pois o falante se refere ao grupo genérico *geógrafos*, no qual ele está incluído, mas seu interlocutor não.

- (2) Doc: qual sua opinião sobre o cenário político atual do Brasil?
Inf: então eu não sou a favor da- dos políticos que estão aí ... eh eu acho que a população tem que se juntar e reivindicar porque se *a gente* não tá conseguindo os *nossos* direitos agora *a gente* não pode ... nas próximas eleições fazer a mesma burrada que fez nos outros anos acho que ... *a gente* tem que ter consciência de colocar boas pessoas pra administrar *nossos* direitos (07ent.UFS-Itabaiana2018_desl. I_meio_sue.fs.20)⁶
- (3) Inf: eu acho que o o geógrafo tem uma grande importância na natureza ... eu eu acho que é como se *a gente* tivesse ... é meio que *somos* o médico do mundo eu diria por que já que o mundo é o *nosso* objeto de estudo (01ent.UFS-Itabaiana2018_desl. I_início_ray.fs.19)

A inclusão/ exclusão do interlocutor é um traço semântico independente da abrangência referencial. Apenas nos contextos referenciais em que a primeira pessoa do plural se refere a qualquer pessoa com o traço [+humano], nível referencial de maior genericidade, é que as distinções semânticas de inclusão/exclusão do interlocutor não estão presentes, pois, nesse nível de amplitude do referente, o interlocutor sempre está incluído, como em (4).

⁵ Devido ao fato de os estudos revisados nesta seção apresentarem diferenças nos níveis de amplitude controlados, como também violarem as condições de homogeneidade da variável, isto é, não apresentarem distribuição regular entre os níveis, não construímos o modelo de regressão logística generalizada. Isso porque, como é discutido nas seções 3 e 4, a construção do modelo de regressão logística generalizada tem o objetivo de observar as chances de uso de *a gente* nos níveis referenciais mais determinados, o que, com os resultados discutidos nesta seção, estaria estatisticamente enviesado devido à baixa quantidade de dados no nível inclusivo.

⁶ Os exemplos apresentados neste artigo com a codificação *ent.UFS-Itabaiana2018* foram extraídos da amostra *UFS-Itabaiana2018*, composta por 80 entrevistas sociolinguísticas de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Professor Alberto Carvalho. Os códigos identificam a entrevista sociolinguística, indicando o número, a amostra (comunidade e ano da gravação) e a estratificação social do informante (mobilidade em função da universidade, período do curso de graduação, letras iniciais do nome do informante, sexo, nível de escolaridade e idade, respectivamente).

- (4) Doc: algum tipo de ação pra preservar o meio ambiente quais ações você faria? assim se você tivesse a possibilidade
Inf: eu num sei porque *a gente* eu acho que a- acaba ficando ... um pouco preso a essa ideia de que ... *a gente* produz muito lixo assim socialmente ... mas eu acho que muita parte dessa ... dessa ... produção e desse lixo excessivo vem um pouco do capitalismo das indústrias [...] (26ent.UFS-Itabaiana2018_desl. II_meio_vit.fs.20)

A partir dos estudos sistematizados nesta seção, observamos que há associação positiva e estatisticamente significativa entre o uso de *a gente* e o traço semântico genérico, conforme resultados de Lopes (1993), Borges (2004) e Silva (2004). A análise dos resíduos dos testes de qui-quadrado evidenciou que os referentes determinados com valor semântico exclusivo contribui para o uso de *nós*, conforme apontado pelos resultados de Lopes (1993), Borges (2004) e Silva (2004), expostos na figura 1. A análise dos estudos de Lopes (1993) e Santos (2014) demonstrou associação positiva e estatisticamente significativa entre o uso do pronome canônico e o nível referencial determinado com traço semântico inclusivo. Na próxima seção, apresentamos os resultados de estudos que analisaram a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural a partir de uma gradação referencial, com três níveis de referencialidade.

3. NÍVEIS DE REFERENCIALIDADE NA INTERPRETAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Os estudos de Lopes (2003), Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) analisam o traço semântico do referente de primeira pessoa do plural a partir da noção de níveis de referencialidade: *específico*, *genérico* e *impessoal*. A primeira pessoa do plural com traço semântico específico codifica a referência a indivíduos especificados no contexto linguístico, referindo-se ao falante mais outra(s) pessoa(s). Referentes genéricos de primeira pessoa do plural fazem referência a uma classe em que o falante está incluído. O nível de referencialidade impessoal relaciona-se aos contextos referenciais de maior indeterminação do referente, equivalendo a qualquer ser humano, incluindo o falante e o interlocutor.

Os traços semânticos *específico*, *genérico* e *impessoal* foram adotados por Lopes (2003). Os demais estudos apresentados na tabela 2 utilizam outras denominações para caracterizar a hierarquia de gradação referencial das formas de 1ª pessoa do plural, mas com a mesma noção semântica envolvida, conforme exposto no quadro 1 deste artigo.

Lopes (2003) também analisou a amostra do NURC-RJ coletada na década de 90 com novos informantes, mas esse estudo não está na tabela 2 porque apresentou categoricidade no nível impessoal, com todas as ocorrências de primeira pessoa do plural codificadas por *a gente* (26 ocorrências), impossibilitando a realização do teste de qui-quadrado.

Lucchesi (2009) e Nascimento (2013), além dos níveis referenciais apresentados na tabela 2, também consideram a possibilidade das formas de primeira pessoa do plural fazerem referência exclusivamente ao próprio falante. Os autores relacionam esse tipo de uso ao recurso semântico/pragmático *plural de modéstia*, exemplificando com o trecho reproduzido em (5).

- (5) E *a gente*, quando teve televisão, *a gente* assistia e no ôto dia *a gente* já saía preocupado com trabalho. (Exemplo (2) de Lucchesi, 2009, p. 460)

O estudo de Foeger (2014) também considerou a possibilidade de as formas de primeira pessoa do plural fazerem referência ao próprio falante de forma específica. A autora codificou esse tipo de contexto referencial como específico e definido. O trecho em (6) é apresentado por Foeger (2014) para exemplificar a referência ao próprio falante.

- (6) Inf – não... pra Ceasa mesmo eu não vou não
 E – nunca foi não?
 Inf – já fui umas duas vez só
 E – mas por que que você não vai?
 Inf – não... porque *a gente* fica por aqui pra poder trabalhar... mexendo nas coisa né?
 (Exemplo (19) de Foeger, 2014, p. 82)

A autora reconhece que incluir a referência ao próprio falante no nível referencial específico e definido envia os resultados, já que sua hipótese de que haveria maior uso de *a gente* em contextos genéricos, formando uma hierarquia em função do traço semântico, não foi confirmada. Conforme apresentado na tabela 2, a frequência de uso de *a gente* é maior no contexto referencial específico (286/499 – 57%) do que no genérico (606/1225 – 50%).

Tabela 2: Uso de *a gente* em função da gradação referencial do traço semântico

	Específico		Genérico		Impessoal		Qui-quadrado
	A/T	%	A/T	%	A/T	%	
Lopes (2003) – 70	31/131	24	44/80	55	29/38	76	$X^2(2, N = 249) =$ 42.05, $p < 0.0001$
Lopes (2003) – 90	39/110	35	44/62	71	22/23	96	$X^2(2, N = 195) =$ 38.46, $p < 0.0001$
Lucchesi (2009)	498/796	63	396/495	80	85/99	86	$X^2(2, N = 1390) =$ 56.74, $p < 0.0001$
Nascimento ⁷ (2013)	231/461	50	–	–	34/89	38	$X^2(1, N = 550) =$ 3.77, $p = 0.05211$
Foeger (2014)	286/499	57	606/1225	49	117/130	90	$X^2(2, N = 1854) =$ 80.13, $p < 0.0001$

Fonte: elaborada pela autora.

A análise univariada de qui-quadrado mostra que há associação estatisticamente significativa entre o uso das variantes *nós* e *a gente* e a gradação do traço semântico do referente nos estudos de Lopes (2003), Lucchesi (2009) e Foeger (2014), conforme exposto na tabela 2. No estudo de Nascimento (2013), o resultado do teste de qui-quadrado mostra que a distribuição de *nós* e *a gente* em função da gradação referencial não é estatisticamente significativa, com p-valor maior que 0.05.

De forma geral, os resultados mostram que a frequência de uso de *a gente* aumenta em função da gradação no nível de referencialidade, seguindo uma escala do específico para o impessoal, conforme os resultados de Lopes (2003), com a análise das amostras do NURC-RJ das décadas de 70 e de 90 (recontato), e Lucchesi (2009).

⁷ Embora Nascimento (2013) siga a mesma proposta metodológica adotada por Lucchesi (2009) para a análise da interpretação de referentes de primeira pessoa do plural, não considerou o nível referencial de indeterminação circunscrita, isto é, referentes genéricos nos termos adotados por Lopes (2003).

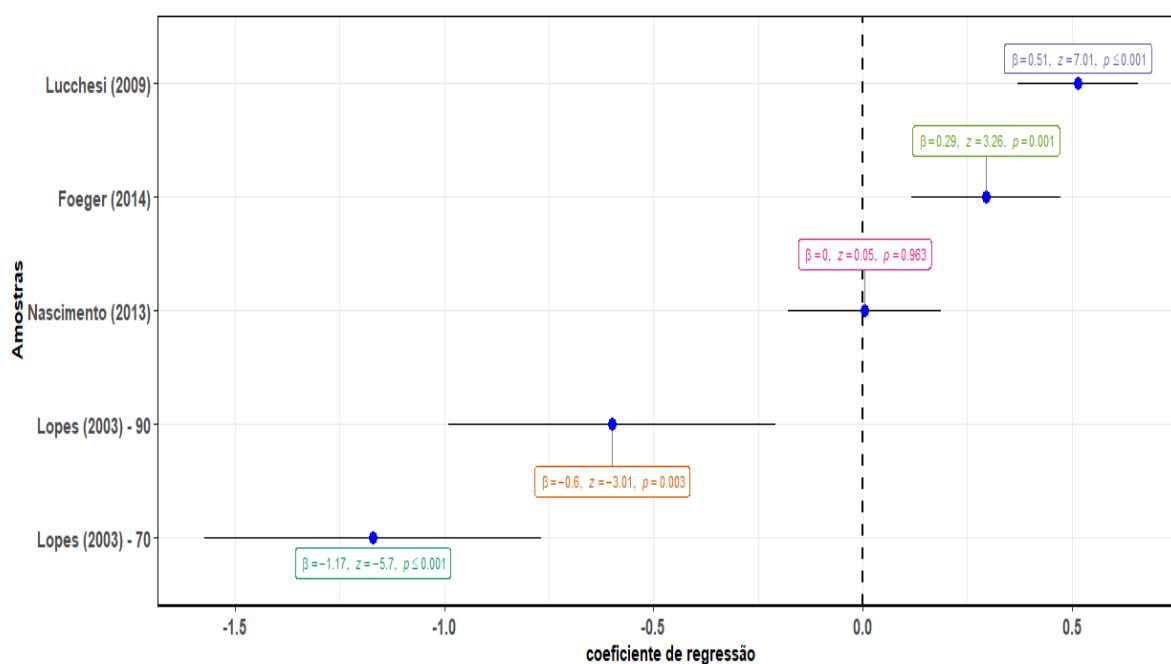
Apesar de o uso de *a gente* ser influenciado por essa gradação referencial, os estudos de Lucchesi (2009), Nascimento (2013) e Foeger (2014) apontam frequências de uso de *a gente* com valor semântico específico igual ou superior a 50%. Com o objetivo de apresentar uma generalização a respeito das chances de uso de *a gente* com valor semântico específico, realizamos análise de regressão logística generalizada para cada estudo apresentado na tabela 2.

Após a construção de modelos de regressão, com o objetivo de tornar os estudos comparáveis, geramos uma visualização gráfica (gráfico 1) com os parâmetros dos cinco estudos analisados. Os valores presentes no gráfico 1 dizem respeito à estimativa de realização da variável dependente (β), à estatística z e ao p -valor do *intercept*, que representa nos modelos de regressão logística construídos o nível referencial específico. Os resultados apresentados no gráfico 1 devem ser interpretados considerando que as chances de realização da variável dependente são *nós* ou *a gente*. Os modelos foram construídos com o pronome *nós* como nível de referência, portanto, os resultados devem ser interpretados em relação à sua contraparte, ou seja, *a gente*.

Os coeficientes (β) são apresentados em log das razões de chances (*log-odds*), com valores de $-\infty$ a ∞ , em que coeficientes positivos indicam que o uso de *a gente* se torna mais provável no contexto referencial específico, e coeficientes negativos indicam que o uso dessa variante se torna menos provável. Nas amostras analisadas por Lucchesi (2009) e Foeger (2014), o pronome *a gente* apresenta uma estimativa de chances de realização de 0,51 e 0,29, respectivamente, a mais do que *nós* para codificar referentes específicos. Essa estimativa de maior uso de *a gente* em contextos referenciais específicos é estatisticamente significativa, conforme valores de p presentes no gráfico 1.

No estudo de Nascimento (2013), para codificar referentes específicos, *a gente* apresenta estimativa de realização próximo a zero. Esse valor de β indica que, na amostra analisada pela autora, a seleção de *nós* ou *a gente* nesse contexto referencial ocorre de maneira aleatória, com distribuição das variantes sem significância estatística (p -valor = 0.963).

Gráfico 1: Chances de uso de *a gente* com valor semântico específico



Fonte: elaborado pela autora.

Nas amostras analisadas por Lopes (2003), a estimativa de uso de *a gente* em contextos referenciais específicos é negativa, ou seja, as chances de uso de *a gente* são menores do que as chances de uso de *nós* em -1.17, na amostra da década de 70, e -0.60 na amostra de 90. Os valores de p indicam que essa distribuição das variantes *nós* e *a gente* com referentes específicos é estatisticamente significativa.

Os resultados apresentados no gráfico 1 mostram uma oposição entre os estudos de Lucchesi (2009) e Foeger (2014), com estimativa positiva para a realização de *a gente* em contextos referenciais específicos, e as amostras analisadas por Lopes (2003), em que referentes específicos tentem a ser codificados por *nós*, com coeficientes negativos para *a gente*. A diferença na distribuição de *nós* e *a gente* em função dos traços semânticos nessas quatro amostras pode estar relacionada ao perfil social dos falantes. Lucchesi (2009) e Foeger (2014) analisam dados linguísticos de áreas rurais, com informantes de pouca escolaridade. Por outro lado, Lopes (2003) utiliza dados de falantes de áreas urbanas e com nível superior completo.

Embora as chances de uso de *a gente* em contexto referencial específico possam ter relação com outras variáveis independentes, por exemplo, região de residência e nível de escolarização do falante, os resultados apresentados no gráfico 1 dão indícios de que o pronome *a gente* está perdendo sua restrição semântica atrelada aos contextos referenciais mais genéricos, ganhando espaço também nos contextos específicos, conforme apontam os resultados de Lucchesi (2009) e Foeger (2014). Na seção seguinte, apresentamos os resultados de estudos que consideram os traços semânticos da primeira pessoa do plural a partir de uma oposição binária: *determinado* ou *indeterminado*.

4. OPOSIÇÃO BINÁRIA DE TRAÇOS SEMÂNTICOS

Os estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), Silva (2010), Tamanine (2010), Franceschini (2011), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020) analisam a interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural a partir do traço de determinação/indeterminação do referente⁸.

O traço semântico de determinação/indeterminação é significativo para o uso de *nós* ou *a gente*, conforme resultados expostos na tabela 3. Com exceção dos estudos de Lopes (2004), amostra da década de 70, e Franceschini (2011), o pronome *a gente* apresenta frequências de uso acima de 50%, seja em contexto referencial determinado ou indeterminado.

A fim de observar se a distribuição das frequências de uso de *nós* e *a gente* apresenta relação de dependência com o traço semântico do referente, realizamos análises univariadas por meio do teste estatístico de qui-quadrado. Os resultados do teste de associação mostram que apenas na amostra 00, analisada por Omena (2003), não há relação de dependência estatisticamente significativa. Nesse estudo, as frequências relativas de uso de *a gente* são de 80%, com valor semântico determinado, e de 79%, em contextos referenciais indeterminados, porém essa distribuição apresenta efeito aleatório, com p-valor maior que 0.05.

⁸ Seara (2000) e Silva (2010) não utilizam os termos *determinado* e *indeterminado* para caracterizar as possibilidades de interpretação da primeira pessoa do plural, mas seguem a perspectiva de oposição binária de traços, com a mesma noção semântica envolvida na determinação/indeterminação.

Tabela 3: Uso de *a gente* em função do traço de determinação/indeterminação no PB

	Determinado		Indeterminado		Qui-quadrado
	A/T	%	A/T	%	
Seara (2000)	385/553	70	140/180	78	$X^2(1, N = 733) = 4.05,$ $p < 0.05$
Omena (2003) – 80	296/444	67	694/820	85	$X^2(1, N = 1264) = 53.71,$ $p < 0.0001$
Omena (2003) - 00	286/358	80	482/610	79	$X^2(1, N = 968) = 0.05,$ $p = 0.8094$
Lopes (2004) - 70 ⁹	31/131	24	44/80	55	$X^2(1, N = 211) = 19.94,$ $p < 0.0001$
Lopes (2004) - 90	74/125	59	43/46	93	$X^2(1, N = 171) = 16.73,$ $p < 0.0001$
Silva (2010)	55/103	53	53/70	75	$X^2(1, N = 173) = 7.92,$ $p < 0.01$
Tamanine (2010)	762/1488	51	368/596	62	$X^2(1, N = 2084) = 18.60,$ $p < 0.0001$
Franceschini (2011)	609/1351	45	174/202	86	$X^2(1, N = 1553) = 116.88,$ $p < 0.0001$
Viegas; Mendes (2018) ¹⁰	351/639	55	180/204	88	$X^2(1, N = 843) = 72.15,$ $p < 0.0001$
Souza (2020)	218/405	54	23/24	95	$X^2(1, N = 429) = 14.57,$ $p < 0.001$

Fonte: elaborada pela autora.

A fim de apresentar uma generalização a respeito do uso de *a gente* com valor semântico determinado, construímos modelos de regressão logística generalizada para cada estudo apresentado na tabela 3. Após a construção dos modelos, geramos uma visualização gráfica (gráfico 2) com os parâmetros do *intercept*, isto é, do nível referencial determinado. Assim como fizemos com os estudos apresentados na seção 3, os modelos de regressão foram construídos com *nós* como nível de referência, portanto, os resultados apresentados no gráfico 2 devem ser interpretados em relação ao pronome *a gente*.

No gráfico 2 são apresentadas as estimativas (β) de realização de *a gente*, a estatística *z* e o valor de *p* em função do contexto referencial determinado nos nove modelos construídos¹¹. Os coeficientes positivos indicam que a realização de *a gente* para codificar referentes determinados se torna mais provável. Por outro lado, coeficientes negativos indicam que o uso de *a gente* com traço semântico determinado se torna menos provável.

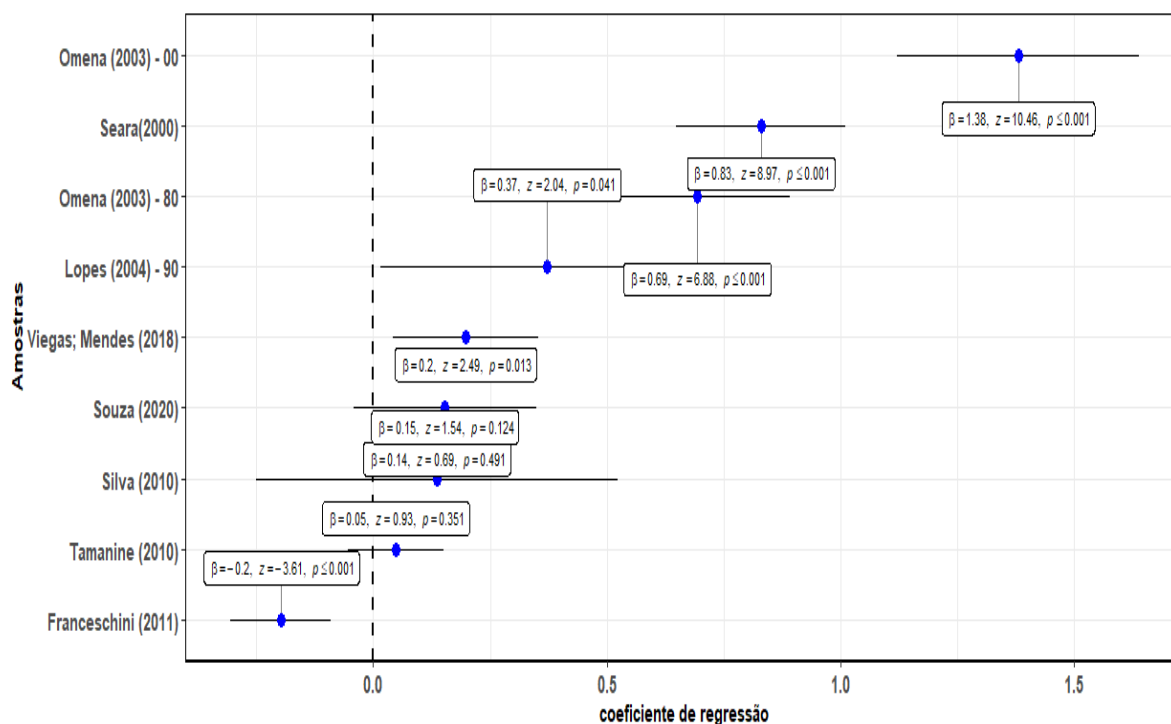
Das nove amostras analisadas, apenas o estudo de Franceschini (2011) apresenta estimativa negativa, com β igual a -0,2, para a realização de *a gente* em contexto referencial determinado. Esse resultado evidencia que, na amostra analisada por Franceschini (2011), o pronome *nós* apresenta estimativa de 0,2 a mais de chance de realização, e essa distribuição é estatisticamente significativa, com *p*-valor menor ou igual a 0.001.

⁹ Lopes (2004) utilizou o mesmo conjunto de dados da década de 70, já apresentados em Lopes (2003), excluindo as ocorrências de primeira pessoa do plural com valor semântico impessoal.

¹⁰ As autoras analisaram o traço semântico de determinação/indeterminação como duas variáveis dependentes separadas: i) primeira pessoa do plural com traço semântico determinado e ii) primeira pessoa do plural com traço semântico indeterminado.

¹¹ O estudo de Lopes (2004), amostra da década de 70, foi retirado da visualização gráfica por apresentar o mesmo conjunto de dados já apresentados em Lopes (2003) e discutidos na seção 3 deste artigo (gráfico 2).

Gráfico 2: Chances de uso de *a gente* com traço semântico determinado



Fonte: elaborado pela autora.

Nas amostras analisadas por Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), com dados do NURC-RJ coletados na década de 90, Silva (2010), Tamanine (2010), Viegas e Mendes (2018) e Souza (2020), a codificação de referentes determinados tende a ser realizada pelo pronome *a gente*, com coeficientes positivos. Porém, nos estudos de Tamanine (2010), Silva (2010) e Souza (2020) essas estimativas de realização da variante *a gente* em contexto referencial determinado não é estatisticamente significativa.

Os coeficientes apresentados no gráfico 2 estão em *log-odds*, com valores de $-\infty$ a ∞ , o que possibilita a comparação da magnitude das estimativas. Podemos comparar o valor de β do estudo de Franceschini (2011), que apresenta uma estimativa negativa para o uso de *a gente* com traço semântico determinado, com os valores de β dos estudos de Omena (2003), amostras da década de 80 e dos anos 2000, Seara (2000), Lopes (2004), amostra da década de 90, e Viegas e Mendes (2018). O resultado da comparação possibilita afirmar que a magnitude das estimativas positivas (0.2 a 1.38) é maior do que a magnitude da estimativa negativa apresentada na amostra de Franceschini (2011).

As estimativas de uso de *a gente* com traço semântico determinado, apresentadas nos estudos de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004) – 90 e Viegas e Mendes (2018), dão indícios de que o pronome *a gente* está perdendo sua restrição de uso em contextos mais genéricos, passando a ser utilizado com mais frequência do que o pronome canônico em todos os contextos referenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades de interpretação semântica das formas de primeira pessoa do plural é um fator significativo para o estudo da variação entre as formas *nós* e *a gente*. A fim de realizar procedimentos de meta-análise que possibilitem a generalização dos

resultados em função do traço semântico do referente de primeira pessoa do plural, agrupamos os estudos a partir das abordagens metodológicas adotadas: i) amplitude do referente; ii) gradação referencial e iii) oposição binária de traços semânticos. Os resultados da análise univariada do primeiro grupo de estudos, considerando os resíduos do teste de qui-quadrado, possibilitam a generalização de que o nível referencial genérico contribui para o uso de *a gente*.

Os resultados do segundo grupo de estudos, discutidos na seção 3, evidenciam que, de forma geral, a frequência de uso de *a gente* aumenta em função da gradação no nível de referencialidade, seguindo uma escala do específico para o impessoal. No entanto, a partir da construção de modelos de regressão, pudemos verificar que, nas amostras analisadas por Lucchesi (2009) e Foeger (2014), os referentes específicos tendem a ser codificados por *a gente*, indicando a ampliação do uso de *a gente* para todos os contextos referenciais da primeira pessoa do plural.

Por fim, a construção de modelos de regressão logística generalizada de nove amostras, que analisaram os traços semânticos da primeira pessoa do plural a partir da oposição determinado/indeterminado, possibilitou observar que os contextos referenciais determinados apresentam estimativas positivas para o uso de *a gente*, com distribuição estatisticamente significativa, conforme apontam os resultados de Seara (2000), Omena (2003), Lopes (2004), com a amostra da década de 90, e Viegas e Mendes (2018).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. S. F.; FREITAG, R. M. K. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, 22(2), Florianópolis, 2021.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. – 5ª edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005 [1966].
- BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese (doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2004.
- FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- FRANCESCHINI, L. T. *Variação Pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia/SC*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- FREITAG, R. M. K. *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?* Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html>. Acesso em: 28-06-2020.
- LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.
- LOPES, C. R. S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, 2003.
- LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 47-80, 2004.
- LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 457-469.
- MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *Revista PerCursos Linguísticos*. Vol. 2, n. 4, 2012.
- MENDONÇA, J. J. Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, 4(2), 2018, p. 45-54.
- NASCIMENTO, C. S. *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

- SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós X a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n.28/29, 2000, p. 179-94.
- SILVA, C. C. C. A variação nós e a gente no português culto carioca. *Revista do GELNE*, Piauí, V. 12, n. 1, 2010.
- SILVA, I. *De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- SOUZA, M. H. M. *A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca-AL*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.
- TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- VIEGAS, M. C.; MENDES, E. A. G. Variação nós ~ a gente na função de sujeito e de objeto nas comunidades de Itaúna e Machacalis/MG. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD/LALIMU*, v. 9, nº 25, jul 2018, p. 518-542.

Recebido: 22/7/2020

Aceito: 4/5/2022

Publicado: 21/9/2022